

ESPIRITUALISMO RACIONAL E CIENTÍFICO CRISTÃO
ERCC



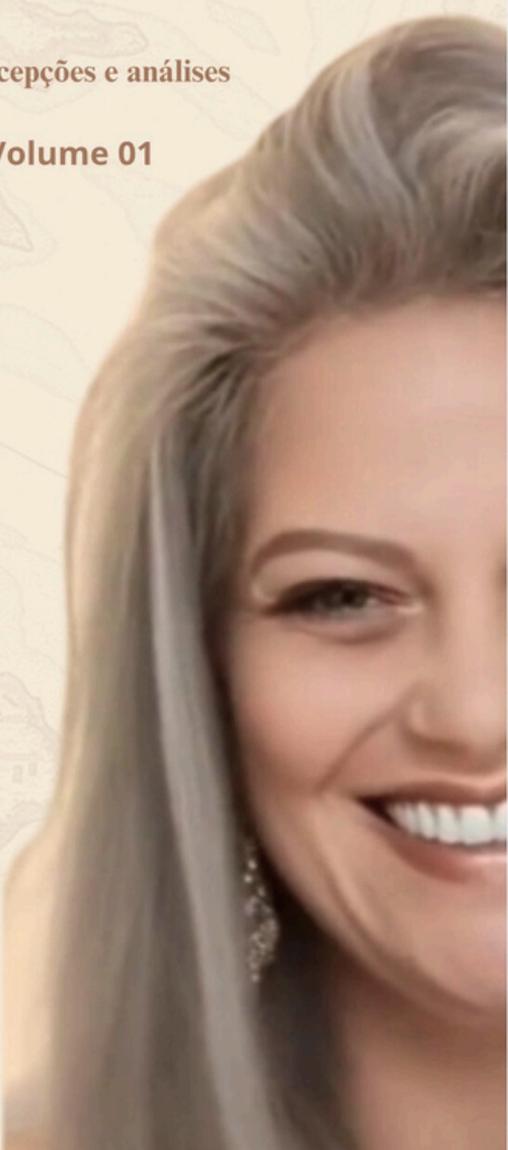
MINHA VIDA MEDIÚNICA

Percepções e análises

Volume 01

*Marcia
Teixeira*

2025



MINHA VIDA MEDIÚNICA

Percepções e análises



MÁRCIA TEIXEIRA
2025



Agradecimentos



Saulo J. P. Machado, pelo incentivo para que eu escrevesse este livro de artigos que esclarecessem os futuros leitores; Cristina Ribeiro, pela correção do artigo sobre intuição.

PALAVRAS INICIAIS



Eu, Márcia Maria Teixeira, nasci

•na cidade de

Petrópolis-RJ, onde me orgulho de sentir o ar e a brisa inigualável onde a família imperial marcou presença. Lutei, estudei e trabalhei em vários setores, como fábricas, escritórios, fui comerciante, comerciária e até dei passos como atriz, mas optei em me dedicar à mediunidade com o reconhecimento do meu currículo espiritual. Sempre com meu aprendizado voltado para a espiritualidade, nascida de família tradicional na cidade de Petrópolis, percorri todas as vertentes religiosas e filosóficas, chegando hoje como cofundadora do Espiritualismo Racional e Científico Cristão (ERCC). Aos meus filhos, Rafael Henriques, Raquel Henriques, Rodrigo Henriques e meus sobrinhos, Matheus Teixeira e Elôa Teixeira que fazem parte do meu caminhar neste mundo... dedico meu Amor

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: NARRATIVAS SOBRE O ESCLARECIMENTO MEDIÚNICO

1. Mediunidade na minha infância
 - 1.1 Um caso marcante vivenciado pela autora
2. Mediunidade na minha pré-adolescência
3. Mediunidade na minha juventude
4. Mediunidade na minha vida adulta I
5. Mediunidade na minha vida adulta II
6. Mediunidade na minha vida adulta III
7. Mediunidade na minha vida adulta IV

SEGUNDA PARTE: A INTERNET E AS VERTENTES FILOSÓFICAS ESPIRITUALISTAS

1. A INTERNET E AS VERTENTES FILOSÓFICAS
ESPIRITUALISTAS
 - 1.1 Um Novo Tempo para a Espiritualidade

TERCEIRA PARTE: A MEDIUNIDADE EXERCIDA NO ERCC

PRIMEIRA PARTE: NARRATIVAS SOBRE O ESCLARECIMENTO MEDIÚNICO

1- Mediunidade na minha infância

Iniciamos demonstrando como espíritos retidos na psicofera do planeta pós-desencarne costumam perturbar as crianças com vidência, ainda em tenra idade, que se mostram como monstros e outras formas assustadoras.

Normalmente, este tipo de ação está relacionado com a educação, já que os pais, sem conhecimentos acerca da realidade espiritual, amedrontam os filhos contando histórias fantásticas sobre a realidade.

Dependendo do ambiente em que vivem as crianças com faculdades mediúnicas (todas têm em tenra idade) por estarem ainda se adaptando ao corpo físico, quando crescem em ambientes de conflitos, de práticas místicas de adoração e ameaças, os espíritos perturbadores encontram ambiente propício para desfecharem seus fluidos pestilentos e até se materializarem. Como a criança tem seus medos, que na verdade, em parte, são incutidos pelos pais e familiares, na ilusão de estarem educando seus rebentos; cometem assim erro de educação e comprometimento espiritual, pois, desconhecendo a vida fora da matéria, influenciam negativamente a vida das crianças com tais dons, criando emantando pavores desnecessários.

O pavor será menor ou maior, dependendo do ambiente em que a criança vive. No meu caso (afirma Márcia Teixeira) era tenebroso, por causa do meio familiar, no qual foi criada, porque havia praticantes de magias das mais inferiores. Assim, teve a infância vivenciando inúmeros momentos de pavores, medos e inseguranças.

Por analogia, podemos comparar os filmes da trilogia Harry Potter, quando se mostra a ação dos monstros, principalmente os chamados lá de “dementadores”, que se apresentavam como nuvens escuras, com formas humanoides grotescas, similares às que podem se materializar os espíritos perturbadores, para assustar as crianças videntes.

A genialidade da autora J.K. Rowling os transforma em sua narrativa em monstros com virtudes e defeitos que amenizam suas feiuras e monstruosidade para que as crianças possam assistir sem se apavorar.

O que as crianças videntes na infância vivem são situações assustadoras e, infelizmente, não temos a varinha mágica para derrotar os monstros que tanto as assustam, nem os conhecimentos necessários de como controlar os pensamentos, então, acabam ficando à mercê daqueles que delas cuidam e as educam.

Os espíritos inferiores (obsessores) não amenizam nada, pelo contrário, dependendo do grau de evolução da mediunidade pessoal, a materialização é tão real que essas crianças podem até parar em hospitais, com diversas fobias, principalmente falta de ar, ocasionada pelas doenças psicossomáticas que podem se instalar devido ao tempo de desequilíbrio mental experimentado.

1.1 - Um caso marcante vivenciado pela autora

A conversa entre meus familiares seguia sobre a morte de um ente querido de nossa família, com intensas lamentações e desespero. Eu ouvia a minha tia narrando o fato nos pormenores, insalubres e dramáticos, sobre seus próprios sofrimentos.

A conversa entrava em tons de desespero e nada contribuía para a melhora do ambiente, e eu ali presente, sofrendo toda a carga vibracional oriunda dos padrões vibracionais daquela conversa inapropriada diante de uma criança.

Eu, com cinco anos de idade, comecei a entrar em pânico. Era assustador tudo aquilo. Então comecei a sentir grande falta de ar pelo desespero que me acometia, comecei a me ver dentro de um caixão sem nenhuma ajuda para me tirar de lá. Aos gritos de desespero, todos vieram para me acudir, o que eu sentia e não sabia descrever em palavras para meus familiares. E assim, fui levada ao hospital. Lá chegando, fiquei mais calma porque fui tirada do ambiente mental constrangedor de uma conversação geradora de vibrações mentais inapropriadas para qualquer um, principalmente para uma criança.

Os monstros mencionados anteriormente pareciam muito reais na minha visão e eu buscava me esconder nas minhas cabanas de bananeira, feitas no morro por trás da minha casa, para me livrar deles. Minha mãe não entendia por que eu gostava tanto das minhas cabaninhas na subida do morro. Ali me sentia protegida das loucuras da família. E hoje entendo as razões de tanta luta.

Lamento que meus familiares jamais tivessem entendido o que acontecia comigo. Mais tarde, mais esclarecida e com minha mãe frequentando o “Centro Redentor” (como as pessoas da geração passada chamavam a Instituição fundada por Luiz José de Mattos, quem trouxe o Espiritismo Racional e Científico Christão em 1910), levada pelo meu avô materno (hoje se manifestando nas reuniões públicas online do ERCC), pudemos melhorar um pouco o ambiente no qual vivíamos.

Devido ao ambiente de tanta degradação moral e espiritual, os acidentes eram inevitáveis; vivia me machucando fisicamente, uma hora era o pé fraturado, outra hora o tornozelo, até que sofri um acidente mais grave na minha trajetória de crescimento e evolução espiritual.



Nos dias de grande movimentação no fluxo astral onde eu habitava, muito estabonada pela própria sensibilidade, saí correndo de dentro de minha casa para dar uma notícia a uma de minhas tias, que vivia num porão de um dos casarões danossa família. Houve uma grande interferência devida ao ambiente de conflitos que se instalava sempre, verdadeiras guerras astrais, nas quais eu era envolvida em decorrência da minha sensibilidade e a vida física ainda se formando, pois contava com sete anos de idade.

Entrei nesse porão correndo toda alegrinha, e minha tia com um grande tacho de água fervendo com macarrão que acabara de sair do fogão a lenha, virou toda aquela água fervendo sobre meu corpo franzino; a dor era insuportável, o desespero de minha mãe visível. No seu desespero de mãe, correu e me colocou debaixo de uma torneira, o que piorou minha situação.

A sirene da ambulância era ensurdecidora, e até o centro cirúrgico tive lembranças, depois apaguei. Aí foram 72 horas de risco de morte, uma dor sem precedentes e três meses de internação. Cirurgias plásticas de restauração, anos sendo chamada de monstro e, felizmente hoje, estou aqui pra contar esta história de uma trajetória cheia de altos e baixos.

Além disso, ocorreram tentativas de violação sexual, todas vencidas. Aí entram os valorosos ensinamentos espiritualistas, que sempre nos orientam para que os ambientes familiares devam ser extremamente limpospsiquicamente, leves, para que as crianças em tenra idade possam se desenvolver e crescer tranquilamente, principalmente as que trazem consigo as sensibilidades mediúnicas (e hoje essas crianças estão chegando em grande número).

Ressalto que, apesar da dedicação de minha mãe, seu conhecimento sobre a espiritualidade era ínfimo, por isso tanta luta e sofrimento.

Aos que, neste momento, estão lendo este relato real, vivenciado por mim na infância, e entendem a importância de um ambiente saudável, a criança em tenra idade não compreende toda a dinâmica das vibrações inferiores, mas pode sentir e enxergar a vida espiritual com detalhes impressionantes e sofrer severamente as más influências dos ambientes e conflitos existentes nos meios terrenos.

Os pais sem conhecimentos, sem querer, podem promover um verdadeiro terremoto astral na adaptação do espírito ao corpo físico, caso não tenham conhecimentos sobre a realidade espiritual. Daí, as muitas doenças não programadas no planejamento astral feito antes da encarnação a este mundo acabam ocorrendo, e também há de se entender as que se curam pela vibração positiva que nelas se amolda.

Muitos podem até sucumbir, por não terem força suficiente para suportar a sua sensibilidade neste mundo de densidade pesada, por ser um mundo de escolaridade, onde estagiam espíritos de variadas classes espirituais.

É preciso ter as condições ideais de leveza, paz e harmonioso ambiente familiar, para que o espírito possa progredir em sua vida a este mundo, porém sabemos que uns conseguem vencer, e outros, devido aos fatores aqui narrados anteriormente, podem perder a encarnação, não obtendo portanto sucesso nas atividades programadas para ela.

2- Mediunidade na minha pré-adolescência

Continuando a saga dos fenômenos mediúnicos, dentre várias situações vividas, vou relatar um dos mais marcantes nessa vida de altos e baixos, quando se trata de mediunidade de elevada sensibilidade, sem o menor conhecimento da vida transcendental sob o aflorar da luz espiritual contida no subconsciente e sendo despertada com a prática da limpeza psíquica, já começando a ser trabalhada, mesmo que de forma indisciplinada.

Uma adolescente completamente voltada para as fanfarrices da idade, estudando num colégio de freiras onde era obrigada a fazer o catecismo para meu total desespero. Gostava mesmo de entrar debaixo das saias das freiras e escorregar nos corrimões das escadas maravilhosamente trabalhadas em madeira nobre, como pinho de Riga. Nesse local era comum a irmã Alfreda me esperar com uma varinhapara umas boas reprimendas, e eu só ria e corria. Na hora de ir para a capela, era um Deus nos acuda, porque chegava à capela (uma arquitetura estilo gótico pintadinha de azul, linda), via todas aquelas imagens se mexendo, aí começávamos loucuras, porque ninguém entendia nada do que eu falava. Certa vez, iniciei um diálogo com uma das freiras, que relatoa seguir:

Eu, inquieta diante daquela situação, perguntei: — Irmã, eu estou vendo Jesus se mexer na cruz. Por que ele não para quieto?

Então ela respondeu: — Marcinha, nada se mexe, presteatenção na aula, menina, senão vai para o castigo.

— Não, irmã, estou tonta e tudo roda. — Ficava tonta e com mal-estares terríveis.

A irmã falava: — Pegue o terço e vamos rezar. Daí eu chorava porque não gostava de ficar enrolando aquelas bolinhas (terços) na minha mão e falando coisas que me irritavam. Eram constrangedoras todas aquelas falas sem sentido para mim e chegava em casa arrasada e triste.

O uso da limpeza psíquica ainda era falho, como relatadoacima. Na nossa casa não havia a disciplina necessária para o afastamento das influências perniciosas da espiritualidadeinferior. Como já relatado, tudo era de forma atabalhoada,devido à falta de conhecimentos dos integrantes da família.

Inquiria minha mãe do porquê de ter de ficar naquela escola esquisita. Acredito ter sido minha racionalidade que se manifestava na pré-adolescência.



Gostava mesmo de correr dos “fantasmas” que me perseguiram pelos corredores extremamente limpos e encerados do colégio, e, para desespero das irmãs, de invadir as clausuras e descobrir seus namorados e as fotos deles que distribuíam para as amigas. Por causa disso, o castigo era severo: umas pequenas reguadas nas mãos que não doíam, e uma aula inteira de catecismo virada para o quadro-negro. Eu bem que gostava, assim não precisava ver o crucifixo se contorcendo na parede à minha frente.

E encarando os fenômenos mediúnicos, já vistos com “tranquilidade”, nesse período tinha a mente mais ocupada com os severos estudos e a disciplina de um colégio de freiras, mas não entendia e sofria por ver todas aquelas imagens que me assustavam com suas formas monstruosas e movimentos. Seguia minhas fanfarrices, porque apesar de todo esse desgaste emocional, tinha a alegria dentro de mim, sentia a vida como um prêmio.

Longe do colégio, o ambiente familiar dos parentes era nocivo, pois via e estava entre as práticas místicas familiares, as quais repelia e com elas não me alinhava. Assim, sempre fui hostilizada, pois os familiares já trilhavam um caminho diferente, ainda que cambaleante. Sofria as hostilidades próprias do desconhecimento espiritual.

Eu sempre no meio das confusões, com meus assombros fantasmagóricos devidos ao ambiente de grande mistificação, onde uma fumaça escura envolvia tudo e todos. Mesmo assim, buscava dentro da minha extrema alegria, superar todo aquele ambiente e as visões dos vultos e sons assustadores para mim. Conduzia meus primos nas brincadeiras, com pitadas de muita peraltice para, na verdade, esconder tudo o que via e ouvia e ninguém entendia.

Passada essa fase, nos mudamos em função da separação conjugal dos meus pais. As dificuldades eram enormes para minha mãe, sozinha para sustentar três filhos, porém nossa alegria familiar era grande, pois estávamos fora daquele ambiente de degradação moral e espiritual.

Nossa vida deu um salto, e então comecei a ver coisas mais bonitas, luzes e mais luzes reluzentes e brilhantes; isso era acolhedor. Ao mesmo tempo, senti dentro da minha cabeça uma corrente elétrica que me enlouquecia, escutava lá dentro como se fosse um fio elétrico sendo ligado e desligado; quanto desespero passei nesse período.

Nessa fase, começou minha ida aos médicos e psiquiatras. Buscando entender meus efeitos físicos dentro da medicina, não encontravam respostas e nada nos exames era detectado.

Aos 12 anos, fui trabalhar para ajudar minha mãe. Nesse período, tive uma pausa nas visões, contudo a auditiva se manifestava o tempo todo, a intuitiva também.

— Eu entendia? Claro que não. Para mim era tudo loucura da minha cabeça.

Trabalhei em vários segmentos, com bastante aproveitamento profissional. Estudava à noite, sempre muito dedicada aos estudos, com uma amizade fraternal com meus professores fruto da minha dedicação. Adorava fazer os trabalhos escolares durante a noite, até que minha mãe levantasse e me obrigasse a dormir.

As lutas se mostravam cada vez mais fortes, ficava muito cansada, por ser franzina e nossa alimentação precária. Minha mãe como manicure e eu vendedora, com um salário bem modesto, era difícil manter toda a família com fartura.

Minha mãe era severa. Dizia ela: — Primeiro se pagamas contas, o que sobrar é para comer! — E como sobrava muito pouco!...

Mesmo com a ajuda do meu avô, as coisas eram difíceis. Nem por isso éramos infelizes, dançávamos juntas, meu irmão levantava cantando e, dentro das brincadeiras e muita música, seguíamos nossas vidas. Minha mãe sofria com minhas visões e não sabia o que fazer.

A vida seguindo, eu, ainda muito jovem e com muitavontade de viver, gostava de um cineminha. Fomos assistir ao filme da época: O exorcista. Foi a minha derrocada espiritual, saí do cinema passando muito mal, me desequilibrei psiquicamente com severidade. Não dormia à noite, pois o medo me assombrava, olhava para o canto e via os monstros em formas assustadoras, diabos e bichos que me levavam ao desmaio. Novamente, vários psiquiatras... e começaram os medicamentos de controle.

Morávamos a uns dez minutos a pé da filial Petrópolis do Racionalismo Cristão, e foi aí que meu avô entrou em cena. Ele, um estudioso dessa Filosofia, incentiva a todos a conhecê-la. Mesmo assim minha resistência em ir era grande, mas meu avô era firme e disciplinado. Assim começou o meu esclarecimento espiritual.

Entendi que a vida invisível é uma realidade e a mediunidade uma ferramenta complexa, porém de forte sacudimento, para que possamos despertar para uma vida de ajuda ao próximo, com um trabalho sério de fundo racional. Aos poucos fui me esclarecendo e despertando espiritualmente.

3- Mediunidade na minha juventude

O início da minha juventude foi de grandes e fortes lutas, porém, com a alegria que sempre me foi peculiar, levava tudo para o lado do bom humor e da alegria. Já com os poucos conhecimentos adquiridos nas idas ao "Centro Redentor", buscava ser o melhor possível como pessoa. Gostava muito de ler e absorvia a literatura dessa Filosofia para o melhor entendimento do que seria a vida no planeta Terra.



mobileclicksbyabhi

A vida transcorria sem maiores percalços, pois o trabalho me distraía das visões, em que formas grotescas dos espíritos perturbadores apareciam para mim. Os acidentes em função da minha impulsividade natural, dos pensamentos acelerados, eram ainda uma constante no meu viver.

Certo dia, no clube onde meu pai, atleta de tênis de mesa, participava de uma olimpíada, resolvi dar um mergulho para acalmar os ânimos e, no mergulho, comecei a ver um leque de cores muito bonito no meu olho direito, o que me causou enorme pavor, porque o medo ainda me acompanhava, era novidade... Em decorrência disso, desmaiei na água e acordei no centro médico do clube; as pessoas que ali estavam disseram que quase me afoguei. Não me lembrei de nada, somente da enorme dor de cabeça e do leque multicolorido que me tirou a lucidez no momento do mergulho.

Nem sempre tinha visões perturbadoras. Nos momentos de tranquilidade, via gotículas de prata, como uma chuva levecaindo sobre o ambiente em que estava, normalmente de manhã, assim que acordava. Também vislumbrava uma espécie de coroa de luzes, predominava o prata em torno da minha cabeça, porém, nesse período, ainda não tinha esclarecimentos suficientes sobre esse tipo de fenômeno.

Após a primeira vez de ocorrência desse evento, fui ao oftalmologista; sem resultados. Mais tarde, entendi tratar-se de fluidos acumulados de quando frequentava as reuniões no Racionalismo Cristão, como fluidos dos mundos astrais, que trazia comigo, também, após uma noite de sono.

Ainda que as armadilhas dos espíritos perturbadores me mostrassem que ainda não estava totalmente no controle desses fenômenos, anteriormente, já vivia mais tranquila, em função dos estudos e do trabalho profissional.

Ainda sem o conhecimento adequado da mediunidade, entretanto mais confiante, via o futuro com muita clareza e fingia ignorar essas imagens, para melhor controle da minha ansiedade.

Como já dito, o primeiro emprego iniciou quando fiz 12 anos. Por isso considerava estar na juventude. Trabalhei de vendedora para um casal francês no grande comércio que já despontava na cidade de Petrópolis-RJ, à Rua Tereza, sede da filial Petrópolis do Racionalismo Cristão.

Apesar do meu grande empenho, o casal nunca estava satisfeito, eram abusivos e grosseiros. Com isso, via as tais nuvens negras e bolas pretas no entorno dos dois, observando aquilo tudo, sem saber exatamente o que era, mas sabia que não era bom.

Sofria porque precisava ajudar minha mãe, e assim, nada contava para ela. Até que um dia, com suas percepções de mãe, foi me ver no trabalho e se deparou com uma cena de grande sofrimento; para minha mãe, não para mim.

Eu era muito tranquila em relação ao cotidiano e às bobagens das convenções sociais que eram impostas, porém para minha mãe era o fim do mundo me ver naquela situação, de estar sentada no chão com uma marmitta fria, me alimentando sem os cuidados necessários. Ela imediatamente pegou a chave da loja, me retirou de lá e deixou a chave com uma lojista ao lado. Fiquei livre daquele casal de infelizes pessoas controladas pela influência da espiritualidade inferior.

As armadilhas dos espíritos perturbadores prosseguiram, eu acuada, sem nada poder fazer e eles riam de mim o tempo todo.

Como nunca na vida fiquei desempregada, logo fui contratada na mesma loja em que minha mãe trabalhava. Eu bem sabia, pelas minhas visões sob a mediunidade clarividente, que num futuro próximo minha mãe se casaria de novo. O fato aconteceu: meu padrasto se tornou um grande companheiro nos mergulhos de pesca submarina.

Nessa loja, tive um período de grande aprendizado, era um trabalho prazeroso. Aprendi a fotografar e retocar fotos 3X4 e 5X7. Ali fazia de tudo, vendia, era caixa, trabalhava no ateliê, até que fui convidada para ser gerente; não aceitei, pois nunca gostei de mandar em ninguém e eu teria que fazer isso. Preferia conversar sem ostentar cargos.

Mesmo sem conhecer com profundidade as intuições, elas eram fortes e as visões no segmento me ajudaram muito a ter sucesso nos empreendimentos que fazia. E tinha uma sensibilidade grande para descobrir furtos de funcionários incautos, que se sujavam por tão pouco. Buscava não humilhá-los, tamanha vergonha que eu ficava de ver essas indignidades. Era obrigada a falar com meu patrão. Mas deixava que ele comprovasse pelas suas próprias mãos, nunca gostei de acusar ninguém.

Trabalhávamos com alegria e os negócios cresciam com muita velocidade. Passei a cuidar do escritório e ganhando a confiança do meu patrão, e assim tudo transcorria bem, porque o ambiente era de cooperação, confiança e principalmente amor, já que trabalhava ao lado de minha mãe, que com sua mão protetora jorrava luz no meu caminho.

Como nada dura para sempre, precisamos de novos desafios para o crescimento da nossa própria evolução. Não aceitei a gerência, porém a nora do meu patrão aceitou. Aí começou meu calvário, com perseguições e humilhações. Tudo o que conquistei ao longo de quatro anos me foi retirado dia a dia, até a diminuição do meu salário.

Não suportei esses descabros e pedi minhas contas. No dia seguinte já fui contratada para trabalhar numa grande fábrica de tecidos, a fábrica de veludo Petrópolis, com um salário superior três vezes ao que eu ganhava na loja.

Nesse ínterim já estava noiva daquele que seria meu marido e pai dos meus filhos.



Iniciei meus trabalhos no telefone PABX, logo já servia cafezinho nas grandes reuniões da empresa, onde meus patrões Sr. Killer e Sr. Hants me tratavam com respeito, delicadeza e confiança. Como já sabia, isso não seria bom, isso despertava a inveja dos que estavam em torno, e essa maturidade e percepção eu já tinha.

Buscava me esconder e me proteger das investidas daqueles que tinham a inveja e a ganância envolvidas na sua essência, mesmo sem os conhecimentos que hoje adquiri com os esclarecimentos espiritualistas. A minha chefe era a minha tia, grande executiva, tinha receio da minha presença. Sentia isso e também sabia que seria minha derrocada, não podia evitar.

Assim o Sr. Killer me transferiu para o escritório. Amava aquela papelada, sempre gostei de canetas e coisas de escritório. Minha felicidade gritava e meu casamento estava marcado para o mês de maio, e eu com um ótimo emprego não dava atenção aos gritos de alerta da minha consciência e meu próprio sentir. Abandonei a proteção que eu mesma fazia comigo. E para minha surpresa, na hora do almoço, um grande amigo me chamou para fora do refeitório e me disse:

— Marcinha, se prepara, porque sua tia revirou seu arquivo, jogou todos os seus memorandos no chão e pisou neles.

Eu via sua fúria à medida que ele narrava aquela atitude de inveja e negatividade, própria de uma pessoa influenciada por espíritos perturbadores.

Voltei do almoço chorando e, com ajuda dos meus companheiros, arqueei tudo novamente e voltei ao trabalho humilhada, cansada. Todavia buscava a alegria, porque se aproximava o dia do meu casamento e eu precisava do emprego, então voltava a confiar em mim e consciente de que as coisas mudam sempre para melhor.

Para minha surpresa, minha mãe ficou sabendo de tudo. Num dia normal de trabalho, eu na minha sala escutei a voz brava da minha mãe na sala da minha tia. Como não deu tempo para qualquer atitude minha de contê-la, ela me retirou do escritório à força, dizendo:

dizendo:

— Minha filha não vai ser humilhada por ninguém, grande leoa!

E já no dia seguinte voltava eu novamente para a loja da qual havia saído. Fui contratada pela nora do meu patrão, — pasmem! — onde fui trabalhar somente como vendedora e caixa, pois não quis assumir grandes responsabilidades, porque ainda estudava à noite e vinha a maior responsabilidade de todas (o casamento). Mesmo contra a vontade da minha da minha mãe, a respeito do casamento, não ouvi suas súplicas. Com personalidade muito forte, rejeitei seus conselhos e, assim, comecei os preparativos para o casamento.

Buscava sobrepor o sofrimento da perda de um trabalho, que amava fazer, pela injustiça cometida que, naquele momento não entendia, porém hoje sei o porquê de tanta inveja, tudo pela ganância e falta de entendimentos da vida, a tal da competição, que atrapalha a vida dos seres em evolução neste mundo, e o incômodo que eu causava nas pessoas pelo desconhecimento das minhas faculdades mediúnicas.

Sem o devido conhecimento, falava coisas avançadas para o momento e isso as pessoas entendiam como uma afronta às suas capacidades técnicas e acadêmicas, sendo que eu era somente uma estudante, ainda no curso ginasial.

E assim me casei no dia 07/5/1977, com apenas 17 anos de idade.

4- Mediunidade na minha vida adulta I

Os relatos aqui demonstrados objetivam esclarecer aqueles que se interessam em conhecer de forma mais objetiva e prática a sua mediunidade.

Vejam a mediunidade como uma forma de promover crescimento interior, através das lições, por vezes duras, porém, assertivas para todos que desejam ser um instrumento dócil da espiritualidade superior.

Continuando minha trajetória, agora na vida adulta, lhes digo que:

— O início da vida de casada seguiu o rumo normal, trabalho, adaptações e muitas mudanças. Minhas visões continuavam, porém mais espaçadas em razão da correria do dia a dia, porque passei a não dar tanta importância a elas; novas amizades, viagens e o apoio do marido fortaleciam minha segurança quanto às decisões a serem tomadas.

— Considero ter sido um casamento precoce, pois tudo na minha vida se deu em um ritmo galopante: namoro aos 14 anos, noivado aos 15 anos e casamento aos 17.

— Sempre tive a convicção de ter visões clarividentes na forma de quadros, onde minha assinatura era diferente de quando eu estava casada (estavam assinados com o meu nome de divorciada). Apesar de ficar intrigada, não sabia exatamente o que significava, já que não tinha conhecimento pleno de minha mediunidade de clarividência até então!

O tempo passou, estava grávida do meu primeiro filho, prevalecia a alegria, porém as crises de pânico voltaram a me atormentar pelo parto que se aproximava. Sem controle e conhecimento, sentia medo das dores, tinha medo de a criança não nascer saudável, tudo normal para uma mãe, mais nada para quem tem uma sensibilidade mais aflorada.

O parto foi difícil e a posição da criança sentada dificultou o nascimento. Assim por decisão médica fui para a primeira cirurgia. Tudo correu bem. Contava com 18 anos de idade. Aí se justificava o medo, era uma adolescente com responsabilidades de um adulto.

Nesse ínterim, senti forte sensação de mudanças e assim elas aconteceram. Mudei para a cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro. Comecei a frequentar com assiduidade a filial Niterói do Racionalismo Cristão. Nessa minha segunda cidade, onde já estava grávida do meu terceiro filho, pois a filha já havia nascido e contava com um ano de idade, passei e estudar a espiritualidade com mais firmeza.



As visões continuavam, as sensações e intuições eram corriqueiras, procurava ignorar para viver com mais tranquilidade, entretanto, quando ocorriam eventos, eu tranquilamente, já sabendo com antecedência, seguia em frente. Já praticava a limpeza psíquica com a frequência disciplinar recomendada por Luiz José de Mattos, na codificação teórica da sua vertente filosófica.

Grávida do meu terceiro filho, tudo corria bem, dentro do desejado. Parti para a terceira cirurgia de cesariana. Meu filho demorou a nascer e nasceu roxo com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Tive uma crise nervosa na sala de cirurgia, pois sabia o porquê do sofrimento daquela criança.

Eram demasiadas as crises conjugais que se desenvolveram por causa do vício do meu marido. Jogo, bebidas e luxúria. Eu com a minha sensibilidade mediúnica via tudo no astral e isso me causava grandes conflitos, pois na minha impulsividade não admitia os vícios que entravam no lar. Não tive a calma necessária para conduzir a situação e assim os conflitos eram frequentes.

Ao mesmo tempo, a visão da minha assinatura me acompanhava...

Nova mudança de cidade, novos ares e novas esperanças surgiram, porém, quanto mais poder meu marido obtinha, mais degradingolava a vida conjugal. O meu cônjuge alcançou grande poder material, o que o deixou com diversos vícios, tais como álcool e o jogo. Eu criava meus filhos e lutava para manter o casamento sob a luz da afinidade, mas nada conseguia.

Assim, passei a frequentar a filial do Racionalismo Cristão Barro Preto, na aconchegante cidade de Belo Horizonte-MG. Assistente assídua, já tendo conhecimento da encarnação e desencarnação do espírito, passava a vida mais tranquila sob a luz da espiritualidade superior.

Comecei a trabalhar como gerente em uma loja de grande porte em BH, mas nova mudança veio a derrubar meus sonhos de independência financeira.

Meu marido foi transferido para a cidade de Campos-RJ, uma cidade próspera. Nossa vida material crescia a olhos vistos, porém o descontrole da vida material do marido, sem o conhecimento da espiritualidade, se chocava com as minhas convicções e principalmente com a minha vibração espiritual, já bem amadurecida pela assiduidade às reuniões espiritualistas.

Precisava salvaguardar a integridade física e psíquica dos meus três filhos, já pré-adolescentes. Assim devorava a leitura das obras lá disponibilizadas, agregando conhecimentos e esclarecimentos espirituais relevantes, que muito me ajudaram.

Com a vida material tranquila na questão financeira, seguia praticando esportes, participando de campeonatos e treinamentos de vôlei, que ocupavam o meu tempo, quando meus filhos estavam em período escolar.

Viajava sempre com meus filhos e os amigos deles. Isso era uma alegria, me envolvia nas brincadeiras de todos, jogávamos tênis no clube de Campos-RJ, vôlei e mergulhos nas praias das redondezas.

Minhas visões continuavam, porém com maior entendimento e análise. Antevia a derrocada do meu casamento... Nada podia fazer para modificar os costumes do meu marido, a não ser as irradiações mentais sempre que possível, por ele e pelos meus filhos.

Como previsto, o fracasso conjugal não demorou a acontecer. Uma vida financeira bem tranquila que o emprego fornecia também acabou. Voltamos para Petrópolis, pois me sentia mais segura perto da minha mãe. Fui fazer vários cursos, datilografia, aprimoramento e atualização na língua portuguesa, técnica em depilação, que na época era muito requisitada. Realizava meus trabalhos temporários aqui e ali para ajudar nas despesas da casa. Meu marido mergulhava ainda mais nos vícios. Fingia que não via e seguia em frente, mas os conflitos eram inevitáveis.

Continuavam as visões futuristas...

Frequentadora assídua da filial Petrópolis do RC, aprimorava minha evolução, pois já tinha conhecimentos sobre nossa missão enquanto encarnados, fruto dos meus estudos sem deixar de lado as práticas esportivas.

Nas férias escolares dos meus filhos, viajávamos para região dos lagos, eu frequentava a filial de Cabo Frio do RC, pois mesmo com todos os conflitos conjugais, nunca fui impedida pelo meu marido (hoje desencarnado) de obter meu esclarecimento espiritual. Ele entendia que eu não abriria mão de frequentar reuniões, era prioridade para mim. Já acostumado com os horários das irradiações no lar, sempre me lembrava dos horários, até no carro antes das viagens. Nem assim despertou para esses maravilhosos ensinamentos.

Na região dos lagos em férias, mergulhava para pesca submarina, quando embaixo d'água imaginava que era a paz dos mundos sutis... o barulhinho das correntezas... Como amava aquilo, e assim saía das vibrações desse mundo conturbado.

Uma nova oportunidade surgiu para nossa vida, um novo emprego com enormes perspectivas de crescimento material. Nossos filhos voltando para a escola com a qual sempre sonhei, vida nova, conflitos velhos!

Prioridade na minha vida eram, então, meus filhos e o Racionalismo Cristão. Aí já não mais via o casamento como uma situação eterna e pensava numa vida sozinha, de total dedicação aos trabalhos espiritualistas como membro participante ativa da instituição.

Sentia no âmago a necessidade de trabalhar, porém não me achava portadora de virtudes morais para tamanha responsabilidade, e assim ia adiando minha missão como médium.



Continuavam as visões, já ouvia os trabalhos na casa Racionalista Cristã e já não ficava tão amedrontada com as formas de comunicação dos espíritos que transitavam pelo astral inferior, em condições de desconhecimento e flagelo espiritual, decorrentes de suas vidas de descontroles e vícios enquanto encarnados.

Para minhas providências futuras, precisava me preparar emocionalmente e financeiramente. A vida material seguia de vento em popa, junto com minha crescente espiritualização, pois já estava familiarizada com os ensinamentos espiritualistas; as duas experiências andam juntas, pois a vida material é o reflexo da espiritual. Não existe uma separada da outra. Continuamos seres espirituais em uma experiência encarnatória no planeta Terra para a nossa evolução.

Até que um dia, num dos almoços que eram oferecidos pela filial Petrópolis do Racionalismo Cristão, estávamos minha mãe e eu (não perdíamos esses encontros). A querida Sônia Faria chegou à nossa rodinha com toda simpatia e alegria que lhe era peculiar, chegou ao meu ouvido e disse: — O Fernando Faria (presidente astral da Filial Petrópolis) te mandou um abraço.

(*) Note que ela não me conhecia... nem eu a ela.

Estarreci... Minha mãe ficou chocada... E a Sônia foi embora. Desse encontro surgiu uma linda amizade. E aí já descortinava a minha missão esperada pela plêiade, ou seja: "Vamos lá! O trabalho te espera e estamos do seu lado".

Já morava no apartamento de minha propriedade, no qual, mais tarde, se desenrolaria um dos maiores sofrimentos que enfrentei.

Resolvi voltar a estudar. Sempre gostei da sala de aula e queria fazer faculdade. Pensei: "preciso estar mais preparada para essa missão extraordinária". Assim, fui à escola para desespero do meu, hoje falecido, ex-marido. Ele, cheio de autoridade e o velho machismo, disse:

— Não vou pagar sua escola.

Eu respondi:

— Não precisa, vou para a escola pública!

Assim cumpri minha palavra, me sentia uma verdadeira adolescente. Participando ativamente do grêmio estudantil, passei a ser representante da turma, fui ajudar na secretaria, enfim adorava o ambiente escolar. Nesse momento pude observar como a juventude se drogava dentro da sala de aula e muito pude ajudar com meus conhecimentos espiritualistas, nesse ambiente destroçado pelos vícios reinantes.

Assim, trouxe à razão muitos adolescentes através dos meus próprios exemplos. Nunca fui de carro e não falava onde morava para não chocar os alunos desprovidos de bens materiais. Minha formatura foi uma das mais fantásticas aventuras da minha jornada. Festa e festa!

Decidi me preparar para a faculdade, porém um grande empecilho me barrou definitivamente os estudos. Meu filho adoeceu gravemente do pulmão, três cirurgias foram feitas. Larguei tudo para cuidar dele. Nunca fui boa em fazer várias coisas ao mesmo tempo. Filhos são sempre filhos e mãe tem que estar perto, este é um dever intransferível.

Nessa ocasião, meu ex-marido perdera novamente o trabalho. Aí fui perceber a ação do universo superior nas nossas dificuldades, quando somos disciplinados e fiéis ao estudo.

Portas se abriam com muita facilidade por onde eu chegava; o que era difícil para uns, para mim era fácil, pois fazia as irradiações mentais ensinadas por Luiz José de Mattos antes de qualquer ação em favor do meu filho.

Foram três anos de luta, hoje ele está bem e trabalhando. E eu bem... sempre buscando mais esclarecimentos...

5- Mediunidade na minha vida adulta II

Já nessa fase dava continuidade aos meus estudos, com a situação já mais estabelecida; visões futuras sobre a minha vida me acometiam, e o que acontecia nos arredores do meu lar contava a meus amigos nos momentos de descanso, após os treinos nas quadras onde participava dos torneios esportivos.

Precisei parar com essas conversas, pois sentia o interesse chulo de saberem de suas vidas, situações em que não deviacomentar, nem mesmo me envolver. Sempre muito desligada, cometia inúmeras gafes que fugiam ao meu controle, tais como guardar objetos fora dos lugares, ou em lugares fora do que seria o certo. Com isso era chamada de maluca, coisas que falavam sem intenção de maldizer ou me colocar em situação desabonadora; até ouvi me chamarem de bruxa.

Certo dia passei perto de uma vizinha, e ela, com a maldade estampada na fisionomia, me chamou de bruxa metida. Minha secretária do lar ficou brava, ela queria arranjar confusão. Maria de Oliveira sentiu isso na pele! Complicado. Eu ignorava, seguindo o exemplo dessa mestra.

Muitas vezes, nos jogos, me desligava tanto que era retirada de quadra com severas críticas, porque o que eu via não era a mesma visão que as pessoas viam. Saía da quadra rindo e ninguém entendia nada.

Via a arquibancada cheia, me distraía e a bola caía nos meus pés. A minha técnica enlouquecia. Como ela também se chamava Márcia, me gritava assim: — Minha Xará querida, acorda! Vem pra terra, por favor!

Ou quando eu antecipava as jogadas, ela dizia: — Oba! Você está em terra!

Vida maravilhosa, pois já esclarecida sobre os fenômenos espirituais, minha alegria se redobrava nas situações, pois já passava a dar orientações aos aflitos, pois sabiam que eu era espiritualista. Distribuía livros e fazia o possível para esclarecer e, muitos dos que levei para o Racionalismo Cristão ficaram...

Busquei tratamento psicológico para me ajudar nas questões materiais, e assim acrescentava conhecimentos técnicos e, também, materiais, pelos estudos espiritualistas. Consegui, dessa forma, ir entendendo minha mediunidade.



O casamento ia de empurrão em empurrão, aos solavancos, mas ia. Nesse conturbado relacionamento, cada um já morava no seu próprio compartimento, cápsula de esconderijos mentais. Fingíamos que tudo estava na mais perfeita ordem. Eu tentava manter a serenidade, pois três filhos na faculdade não era fácil; despesas enormes, precisava formar os três.

Visões cada vez mais límpidas e mais assertivas comecei a ter nesse contexto. Os espíritos já não mais me assombravam. Pediam ajuda, sim. Ajuda! E eu, muito segura de mim, ia passando mentalmente, dizia: — Venham comigo, pois vão encontrar um lugar fantástico de acolhimento. — Evinham.

Decidi, então, entrar para a instituição Racionalismo Cristão como membro efetivo. Embora bem resolvida, ainda tinha dúvida. Fiz a carta de intenção para entregar ao presidente da filial, só que lá ficou por muito tempo, pois faltava coragem para entregá-la.

Um belo dia, minha filha vendo essa carta no porta-luvas do meu carro, leu e me disse assim:

— Entregue logo isso, mãe! Vai esperar quanto tempo mais?

Depois desse ato, ela saiu correndo com a carta na mão, gritando:

— Vou entregar, vou entregar!

Diante disso, entreguei. A satisfação era geral, sentia e via nas auras dos militantes sentimentos de alegria, felicidade e amor. A minha satisfação era indescritível! Mesmo com todas as faculdades mediúnicas já bem elaboradas e reconhecidas, não tinha a mínima intenção de trabalhar como médium do Racionalismo Cristão, estava muito feliz e satisfeita com o caminhar da minha singela ajuda na casa racionalista cristã.

Comecei na livraria, que fica bem na entrada, e ali recebia o público e vendia os livros. Era fonte de tanta alegria que precisava me conter para não aglomerar o povo.

Tudo transcorria com muita satisfação, passei da livraria para o salão onde os assistentes permaneciam. Eu, juntamente com outros companheiros, dávamos água aos sonolentos, através das intuições e orientações diretas do presidente astral daquela filial, Fernando Faria, eu identificava, entendia e sorria mentalmente.

Minha vida material descambava vertiginosamente, mas ignorava essa parte e fazia o melhor que podia. Cuidava da casa, cuidava dos meus filhos e cuidava da doutrina filosófica a qual abraçara. Isto me dava enorme prazer. O resto... sabia que correria como o planejado.

Fazia meus trabalhos temporários e ajudava no que podia. Não era dada a festas, sempre fui bastante caseira, passei a ser muito mais. Bares, então, não suportava. Daí, muitos dos conflitos enfrentava, pois todos me convidavam para tal. Como membro efetivo do Racionalismo Cristão, fiquei mais severa ainda, porque o que via nos bares me fazia fugir correndo.

Como dito anteriormente, passei a dar muitas orientações àqueles que me procuravam, já familiarizada acerca dos princípios racionais e científicos de Luiz José de Mattos. Ajudava as pessoas no que precisavam, por estarem feridas no corpo fluídico e feridas no corpo físico.

Nesse período, acudia muitas pessoas que entravam em contato comigo e que pediam socorro por desastres que ocorriam e os ajudava levando para os hospitais. Um dos meus filhos chegou a comentar:

— Mãe, coloca escrito aí no seu carro assim:
AMBULÂNCIA.

Passei a entender que a minha responsabilidade perante a espiritualidade superior era muito grande.

Já trabalhando na meia corrente, tinha muito contato com o presidente astral da filial Petrópolis, Fernando Faria. Sempre muito atenta a tudo que acontecia, percebia que o assistente precisava de água fluidificada, porém, pensava, vou depois. Fernando Faria no meu ouvido dizia:

— Vá logo! não confia em você?

Aí, eu ia.

Muito confiante em mim, passei a fazer as irradiações à mesa da minha casa com todos os familiares, não por muito tempo, pois cada um agia de uma forma. E começaram a achar fanatismo!

Entretanto, numa dessas reuniões, aconteceu um fato real e lindo. Formei a mesa e coloquei meu filho mais novo para sacudir meu outro filho, pois ele não estava bem. Fazendo a disciplina aprendida, irradiei com toda convicção ao presidente astral da filial Petrópolis e ao presidente astral do Racionalismo Cristão, nessa ocasião, Antônio Cottas.

O amor de mãe é uma coisa fantástica! A corrente vibrava numa frequência elevadíssima, e pude ver a assistência de Maria de Oliveira. Que satisfação! meu filho melhorou instantaneamente.

Meu, hoje falecido, ex-marido, disse:

— O que é isso? — E as lágrimas lhe corriam pelos olhos.

Foi a única vez que consegui reunir todos à mesa da minha cozinha, que era do tamanho da família. Saí com uma alegria que só a mim era conhecida e a enorme gratidão a Maria de Oliveira, que sempre estava presente quando necessitávamos.



No dia seguinte, quando adentrei ao meu quarto, vi meu tio sentado no sofá que tinha no meu quarto. Ele disse: — Você vai à igreja? (Ele chamava o Racionalismo Cristão de igreja.) — Era muito brincalhão e meu amigo, tio querido!

Eu disse:

— Vou!

Estava entrando no banheiro, para a maquiagem de praxe. Ele ficou sentadinho no sofá. Então descobri que ele tinha desencarnado fazia pouco tempo, para minha tristeza.

Então disse: — Venha comigo, hoje vou de ônibus, pois estou sem carro. — E assim se fez. Iniciou-se, dessa forma, a volta do meu tio ao mundo de vibração espiritual correspondente.

Assim transcorria minha vida, já como instrumento do Astral Superior. Vários fenômenos aconteciam e eu tinha plena consciência do trabalho espiritual a ser feito; os pedidos de ajuda vinham até pelo computador, fazia sempre minha parte, com muita confiança na espiritualidade superior.

O casamento, repleto de problemas; mas ia me trabalhando espiritualmente, buscando a compreensão paratudo que me acontecia.

Os fenômenos de vidência, cada vez mais recorrentes, de modo que, ao ver a porta da filial Petrópolis, via formas astrais cada vez mais materializadas. Esse acontecimento foi marcante para eu compreender que a distância não é nada para o espírito, seja ele um dos retidos na psicofera da Terra, seja um espírito superior.

Estava no carro, no trânsito que me conduzia à filial Petrópolis com minha querida mãezinha do lado e, de repente, vi de longe uma moça. Achei estranho que podia ver nos seus olhos o pedido de socorro. Fiquei pensativa... Entrei na garagem, estacionei o carro e caminhei para a entrada principal, atitude que não fazia, pois sempre eu adentrava pelo portão da lateral que dava para o estacionamento.

Ali estava a moça, em sofrimento avassalador e me disse:
— Caminhei muito e estou esgotada. Subi a serra a pé. —
Quando ela me disse isso, entendi tudo, elevei o meu pensamento e ela sumiu como num passe de mágica. Eu fiquei penalizada com a situação dela. E assim muitos espíritos me pediam ajuda na porta da filial Petrópolis do Racionalismo Cristão.

Sentada no ponto de ônibus, uma vez, pude ver que os trabalhos nas casas racionalistas cristãs estavam começando cedo. Via claramente os espíritos dos mundos opacos entrando às 17h em grande quantidade. Espetacular!

A minha vida material estava trabalhosa, porém vislumbrava um futuro de alegria como militante do Racionalismo Cristão. Essa sensação era forte dentro de mim, o resto ia tirando de letra.

Estava cada vez mais inserida e, quanto mais assídua, mais convicção tinha. Ela se torna inabalável.

E as vidências e clarividências continuavam, sim, cada vez mais claras e brilhantes...

6- Mediunidade na minha vida adulta III

Sentindo as necessidades materiais, arranjei trabalho. Confiante, fui à luta. Mais um desafio eu enfrentava, porém era minha independência que se formava a minha frente, tanto financeira quanto emocional. Espírito livre das amarras mentais que assolam a humanidade, não conseguia me ver presa a certos conceitos. A palavra “não” para mim era desconhecida. A expressão “não consigo” também não conhecia, ciente das leis espirituais. Sabia que precisava me esforçar muito para vencer. Alguns não queriam ver meu progresso, dizendo que eu iria passar fome!

Eu pensava: — Vou nada, vou vencer!

Mas me machucava interiormente.

Esse trabalho foi um aprendizado de grandes proporções.

Meu filho adoeceu pela terceira vez. Fui obrigada a pedir licença das minhas obrigações com a filial Petrópolis. Afastada, minha vida era de muitas lutas. Abandonei o esporte que amava, os plantões eram enormes, pois a minha paciente era de extremo risco. E meu filho doente foi encaminhado para outra cirurgia.

Tudo correu bem, apesar do enfraquecimento dele. Minhas amizades com o corpo médico me ajudaram muito, pois abriram portas e, com a assistência espiritual boa, tudo correria a contento.

Ultrapassava os obstáculos com alegria, o círculo de amizade que formei contribuiu muito para a vitória final.

Trabalhando muito, com uma carga muito forte de responsabilidades, buscava mesmo fora das obrigações na filial Petrópolis ajudar quem de mim necessitasse.

Um dia, chegando do plantão, escutei uns gritos acima do meu apartamento e fiquei preocupada. Nesse apartamento morava um menino muito íntimo da minha família e amigo de infância do meu filho mais novo. Quando subi no elevador, encontrei com ele, passou correndo como de praxe e me deu bom-dia. Senti que ele não estava bem.

Consciente das minhas obrigações, subi correndo pelas escadas e a mãe dele me pediu socorro. Entrei no apartamento dela e o encontrei caído dentro do box do chuveiro.

Saí correndo e desliguei o gás. Logo chegou uma médica também chamada Márcia, fizemos massagem cardíaca e boca a boca; eu fazia a cardíaca, e ela a boca a boca. Percebi que ele não tinha mais vida... Peguei meu carro correndo e coloquei-o dentro com ajuda do meu filho mais velho. Chegando ao hospital, de pijama, encontrei um grande amigo cardiologista, que fez de tudo para salvá-lo, mas foi em vão. Ele deixou o corpo físico prematuramente.



Sofri muito, pois o tinha como um filho. Viajava conosco para a casa de praia de minha mãe e passávamos o verão juntos. A mãe, sofrida, perdera seu terceiro filho; os outros dois, segundo ela me contou, foram assassinados. Busquei dar meu apoio à família nos momentos críticos. Até que vi o corpo franzino desse meu filho do coração em uma lápide fria com essa mãe em desespero. Disse para mim mesma:

— Não posso mais! Mas pude!

Já trabalhava na casa racionalista cristã como instrumento mediúnico do Astral Superior. Fui o instrumento de apoio naquele momento, diante de tanto desespero. Bem me lembro de um tio do menino desencarnado dizer:

— Escutem o que essa moça está falando! — E todos se acalmaram.

Quando cheguei em casa, meu filho estava traumatizado, não falava! Ele estava sentado no sofá, e fui dar assistência a ele. Fui ao sepultamento, mas não consegui ficar, era muita tristeza, e os alunos do colégio inteiro estavam no velório, pois era de família muito conhecida em Petrópolis e muito querida pela comunidade, todos queriam estar presentes.

Aí descobri que meu envolvimento era muito maior do que eu imaginava. A mídia relatou que a morte teria sido causada via envenenamento por gás. Mas, por informações não oficiais, foi um mal súbito por uma falha congênita. Isto me foi dito quando em desdobramento pelo próprio rapaz, pois estive com ele.

Em desdobramento, encontrei com meu filho de coração, numa antessala, quando ele me disse:

— Mãezinha, diga para minha mãe que não foi suicídio como todos falam, foi um imprevisto. — E me abraçou envolvido pela emoção. Acordei e liguei para a mãe dele relatando o fato. Ela se tranquilizou, pois já conhecia meus estudos sobre a espiritualidade. E assim tomei conhecimento de mais uma clarividência.

De uma coisa estou certa: após dormirmos, nos encontramos, quando temos afinidades, com outros espíritos, e as conversas são lembradas e se tornam realidade aqui no mundo físico; isto através dos sonhos. Não vou relatar esses acontecimentos porque envolvem pessoas conhecidas.

Meus desdobramentos são conscientes e premonitórios, muito reais.

A vida continuava em ritmo frenético, muito dinâmico e com muita satisfação...

Com o novo trabalho como cuidadora, em uma fazenda, seguia feliz com meus projetos. Na fazenda, eram divertidas as histórias pitorescas que me contavam os velhos empregados daquela imensidão verde. Ali eram criadas ovelhas Santa Inês, reconhecidas mundialmente, que eram vendidas para os Estados Unidos. O vaivém de helicópteros com os magnatas era para mim um mundo à parte. Jantares suntuosos com as visitas de cerimônia, assim eram chamadas as grandes celebridades que frequentavam a fazenda. Eu olhava tudo aquilo com o olhar da espiritualidade e ali aprendi a ver o desperdício dos alimentos. Era de impressionar o luxo exagerado e a ostentação.

Enquanto minha querida paciente lutava para se manter viva, outros acabavam com a saúde física e mental praticando os exageros materiais, os antagonismos da vida. Eu bem ia cumprindo minha obrigação com muita dedicação. Presenciei situações revoltantes, entre jogos de interesse, falcaturas e muita falsidade.

Devido a uma doença rara e degenerativa que acometesamente os judeus, que casavam entre si, primos e primas. Assim, vendo a luta dela para sobreviver, buscava dar o maior conforto possível para ela. Ensinei muito sobre as assertivas teóricas difundidas no Racionalismo Cristão, ensinei a executar as irradiações, que em todos os meus plantões fazia com ela. Criou-se entre nós duas uma afinidade fantástica.

Verifiquei que a telepatia comigo já funcionava muito bem, desenvolvida a contento entre aqueles cujas afinidades de benquerer são verdadeiras, mesmo com suas variantes de vibração.

Passei a treinar o uso da telepatia, e dava certo! Os ensinamentos valeram, pois sempre que saía da fazenda, via a minha paciente se desdobrando nas correntes fluídicas da casa racionalista cristã.

Pensei:

— Está no caminho, agora é com ela!

Os fenômenos eram fortes. Certa vez, uma fisioterapeuta chegou correndo, apavorada, dentro do quarto (era um CTI particular), contando que havia sido seguida por um carro e esse carro queria atropelá-la. Desesperada, caiu em choro, todos os empregados da fazenda correram e nada acharam. Eu sabia exatamente o que tinha acontecido. Assim, acalmei a moça, porém nunca mais voltou para seu trabalho. O que aconteceu? Um fenômeno de materialização dos espíritos que ali habitavam.

Tínhamos uma sala para confecção dos relatórios, em frente ao quarto. O piano tocava sozinho, o computador ligava e desligava, os armários batiam e abriam sem ninguém por perto. No quarto acontecia a farra dos espíritos galhofeiros, todos da equipe de profissionais nutriam muito medo, tanto os médicos, quanto os enfermeiros e cuidadores falavam o tempo todo. As vibrações eram intensas, pedia para manterem silêncio, porém o desconhecimento espiritual que fazia parte daquela equipe era enorme.

A mediunidade auditiva que possuo me dava certeza de que ali muitos espíritos obsessores viviam, alguns até mesmo desde o período da escravidão.

Crescia minha afinidade e amizade com meus patrões, e isso gerava a inveja e os ciúmes nos outros empregados. Com isso, passei a ser desprezada por alguns. Segui no firme propósito de ajudar minha paciente e esclarecê-la, o máximo possível, para o enfretamento da encarnação árdua que tinha.



Muitos ali buscavam entendimento espiritual, fazia minha parte encaminhando-os para o Racionalismo Cristão. Com as irradiações mentais que fazia no meu plantão, os fenômenos foram se acalmando, e acredito que a limpeza astral ali se consolidou de forma adequada.

Como já havia previsto, meu tempo ali estava se acabando por causa dos invejosos de plantão. Num momento crítico que passávamos com a piora do estado físico da minha paciente, ela precisou de cuidados especiais de oxigênio. Acada mudança eu anotava no meu relatório a quantidade que era administrada pela equipe médica. Com isso, ao término do plantão o médico se orientou pelo meu relatório, o que causou sério mal-estar entre as outras enfermeiras, pois foram chamadas à atenção pelo descuido da hora da medicação, e recebi muitos elogios pela forma e dedicação com que trabalhava.

Pensei:

— Estou encrencada.

No plantão seguinte, tinha um elogio enorme na nossa agenda de trabalho, elogio este do meu patrão.

Pensei de novo:

— Este é o meu fim!

A perseguição da enfermagem foi grande, com deboches e gracinhas tolas.

Precisava me manter no emprego a qualquer custo.

No plantão seguinte, tive fortes dores abdominais, insuportáveis, de cair no chão. Meu patrão muito atencioso mandou o motorista me levar para o hospital. No caminho tive uma melhora considerável e, para a psicologia, fui diagnosticada como: dor do aborto do matrimonial.

Nesse mesmo dia, saí de casa com a roupa do corpo. Nada daquele lindo apartamento queria mais. Eu disse:

— Fique com tudo, daqui só quero minhas roupas. — No dia seguinte, peguei meus pertences pessoais e fui morar com minha mãe.

Nova fase se iniciaria no caminho da minha evolução. Sabia que o caminho seria difícil, duro para uma mulher sozinha, sem uma formação que me desse a segurança de um ganho confortável, pensei! Nada vai me derrubar, preciso de paz para viver. Preciso viver verdadeiramente. Naquele ambiente de conflagrações emocionais, jamais poderia assumir minhas obrigações com o Racionalismo Cristão. As vibrações antagônicas eram gritantes, eu com minha disciplina, médium com as faculdades mediúnicas aqui narradas, jamais suportaria viver com conflitos e conflagrações, uma guerra astral!

Queria a todo custo cumprir minha missão a qual planejei tanto antes de encarnar. Isso já estava bem claro na minha consciência. Mas, infelizmente, meu marido se deixava influenciar pelo materialismo dominante. Não suportava mais.

Fui à luta! Morei seis meses com minha mãe, que já estava doente com câncer de pulmão. Busquei ajudar dentro do possível. Minha mãe se rebelou contra a doença. Consegui alugar uma casa perto do meu trabalho, casa aconchegante, de madeira, para o frio petropolitano somente um colchão, para mim e minha filha.

Meus dois filhos ficaram morando com o pai. Eu saí de casa no mês de abril de 2008. Cinco meses depois deste mesmo ano, houve o fato mais marcante de minha longa caminhada neste mundo: meus filhos foram despejados do meu próprio apartamento.

Nunca poderia imaginar uma situação desta. Sempre lutei pelo meu próprio imóvel. Ajudava a pagar o condomínio que era bem alto, tudo piorou. Porque pensava em deixar esse imóvel quitado para meus três filhos. Acabou! Até hoje não sei o porquê desse despejo, na verdade. O que não tem remédio remediado está.

Vamos para a luta! Precisava trabalhar para me ver livre daquela situação vexatória. Os comentários eram terríveis de pessoas que sempre considerei amigas, denegriam minha imagem e de minha família. Seguia em frente e medo não tinha, mas dessas lutas surgiam no meu corpo muitas dores cervicais, que me acompanham até hoje. Não podia dar toda atenção a minha mãe doente, pois precisava trabalhar para meu sustento e ajudar meus filhos. O tempo passou e entra o ano de 2009. A saúde da minha mãe cada vez pior, sentia que ela perdera as forças de lutar. Assim o desenlace se deu em junho de 2009.

Perdi meu emprego na fazenda. Já pensava como construir minha casa. Já sabia que não ficaria nesse emprego. Acreditando fielmente nas minhas visões e intuições, segui firme apesar dos grandes desafios. Fiquei novamente sem casa, pois sem emprego não poderia pagar o aluguel.

Meu cunhado com toda sua bondade me cedeu sua casa para eu morar, sem pagar nada. Fui me virando em vários trabalhos, ali morei cinco anos. Muita gratidão a esse amigo incomparável, Januário!

A perda do meu apartamento e mais a perda do meu suporte emocional que minha mãezinha dava me abalaram muito. Comecei a buscar soluções. Amigos, sumiram todos. Estava sozinha na luta.

Então, comecei a lembrar dos imóveis que me foram herdados no centro histórico de Petrópolis. Comecei a vislumbrar a reforma de um deles. Era impossível, eram escombros e moradia de viciados. Nada impossível na minha cabeça. Minha mãe nos deixou um apartamento, mas não podia morar lá. Entrei com o pedido de divórcio.

Todos diziam que eu estava louca, conhecedora da minha real vida tinha que saber escolher com acerto, pois não tinha mais idade para erros de falta de raciocínio, precisava ser fiel aos meus conhecimentos.



Quando saí desse imóvel tinha aproximadamente 12 anos. Disse: — Nunca mais volto aqui... — Voltei! Aprendi a não dizer a palavra “nunca”. E assim, nova vida!

7- Mediunidade na minha vida adulta IV

Corria o processo de divórcio. De amigos nada restou. Uma pena, porque na consciência tudo estava certo sem nenhuma cobrança.

Já, nas correntes, trabalhando como médium, as manifestações ficavam mais claras. Acredito que no meu caminhar, sempre sozinha, os espíritos inferiores se aproveitavam dessa condição para tentar me intuir negativamente.

Certo dia, estava estacionando meu carro numa rua íngreme. Muito natural ladeiras para quem mora na serra. Quando estava manobrando para entrar na vaga do meu lado esquerdo, vi um carro prata, da marca Volkswagen, uma Parati, emparelhar comigo, e as pessoas dentro do carro davam risadas e me encaravam. Como era uma rua escura e deserta, pensei tratar-se de um assalto. Todavia, imediatamente, elevei meu pensamento e o carro começou a estacionar na minha frente. Desliguei meu carro, respirei calma e, com o pensamento elevado, saí do carro. O Volkswagen Parati prata que estava estacionado na minha frente sumiu; não havia tempo hábil para que a saída dele fosse tão rápida... Bem, tudo clareou na minha mente como mágica. Eram espíritos galhofeiros aprontando das suas. Com a análise mais profunda, pude deduzir e aprendi mais uma das suas possíveis artimanhas.

Analisando, concluí que:

— Meu carro tinha película escura nos vidros, impossibilitando os de fora verem quem estava dentro do veículo. Com essa proteção, jamais alguém conseguiria olhar dentro dos meus olhos, e eu, olhando dentro dos olhos deles, era algo impossível. Então, para mim estava comprovada mais uma manifestação provocada por espíritos perturbadores, retidos na psicofera da Terra, em desequilíbrio temporário, tentando me descontrolar. Esclarecida, usei o raciocínio para entender o ocorrido e concluir toda essa dinâmica dos espíritos ditos inferiores.

— Passei a compreender com mais firmeza, como dito anteriormente, o olhar de um ser quando adentra o seu olhar, de forma penetrante e com uma distância considerável. É na verdade um espírito percebido claramente pelos médiuns videntes. Assim se processa a intensidade de um olhar, aprendi a interpretar essa situação. Como o olhar é importante! Entendemos a alma do outro!

Já trabalhando nas correntes fluídicas como médium fidedigno aos espíritos superiores, lutava contra as grandes tempestades que envolvem um processo judicial de divórcio, em que as injúrias a mim dirigidas eram cometidas sem nenhum respeito. Nem poderia ser diferente, com pessoas influenciadas pela assistência de espíritos perturbadores que não respeitam o outro.

Era atacada de todas as formas pelo advogado da outra parte. Via as formas grotescas a envolvê-los, sozinha não poderia enfrentá-los, devido à fragilidade do momento. O juiz, depois que em silêncio consegui irradiar, se levantou e disse:

— Senhor, respeite a mãe dos seus filhos. — Me sentia protegida pelo sistema. Então a paz reinou no ambiente.

Entretanto, a luta judicial continuava resistente. As determinações judiciais, que eram para a outra parte, não eram entendidas, e ele não se conformava com as situações. Essa inconformidade provocava situações vexatórias e humilhantes para mim, mas, determinada a seguir minha vida sozinha, pagaria o preço que fosse. Minha personalidade me nutria de forças, convicta nas assertivas espiritualistas, sentia a alma fortalecida...

Em uma audiência desgastante, minhas energias acabaram de vez, sem dinheiro até mesmo para pegar um ônibus de volta para casa. Saí da audiência acabada, sofrida e humilhada, e assim caminhava pelas ruas arborizadas da minha querida cidade, Petrópolis. Tinha um compromisso muito mais importante do que aquela audiência humilhante. Sem médiuns na filial Petrópolis, precisava me fortalecer para ser o instrumento da espiritualidade superior naquela noite. Chorava de soluçar, toda arrumada para ir direto para a Filial. Um carro passou e me jogou lama pura, o choro foi alto, meus óculos comprimiam as minhas lágrimas.

Disse a mim mesma:

— Vou à minha casa trocar de roupa e vou cumprir minha obrigação. — Não era muito longe de onde eu estava, porém o caminho parecia muito longo para chegar, pois o sofrimento era devastador.

Dentre as visões que me acompanhavam, a que mais me intrigava era a da assinatura.

De repente, um jovem me chamou:

— Ei, moça, está tudo bem?

E começamos a conversar sobre vários assuntos.

O fórum é perto de uma escola. Então, perguntei para ele:

— Você estuda ali no antigo matadouro? (OBS.: O matadouro da cidade tinha sido transformado em uma escola.)

Posso descrever sua roupa como sendo uma vestimenta simples, chinelo de couro com a base em borracha de pneu, uma bata de tecido barato semelhante ao linho de cor manteiga, e uma bolsa preta transpassada de ombro a ombro. Nada a ver com o uniforme do colégio.



Ele disse que sim, havia terminado a aula e resolveu voltar a pé.

Eu disse:

— Legal.

Vimos andando, conversando e dando conselhos para que ele nunca deixasse de estudar, fazer sua faculdade e rimos. De repente, chegando perto da fábrica da cerveja Boemia, que fica pertinho da minha casa, ele desapareceu, como num passe de mágica. Sem se despedir, sem nada.

Comecei a pensar... Liguei para uma amiga espiritualista e relatei todo o ocorrido, desde a audiência. Então, ela firme me disse:

— Márcia, você não percebeu?

Eu disse:

— Não. Meu sofrimento era muito grande para perceber alguma coisa.

Ela me respondeu com toda a convicção que se tratava de um espírito dos mundos opacos, que teria me dado apoio naquele momento de desequilíbrio psíquico. Senti-me fortalecida. Fui cumprir minha obrigação com mais confiança ainda, mais convicta fiquei. Dinheiro não tinha, mas tinha a força de uma mulher determinada. Não existe empecilho que derrubasse minha determinação. E não faltará assistência superior para aqueles que estão no caminho virtuoso do esclarecimento.

Divórcio finalizado e a vida seguindo seu curso. No mesmo ano do meu divórcio, meu pai faleceu. Ali, outro aprendizado, pois vi claramente a dissolução da matéria etérica e suas características.

Quanto à visão da assinatura, finalmente descobri o seu significado. Seria daqui para frente a liberdade que sempre sonhara. Passei a usar o nome de solteira, a assinatura já estava prontinha na minha cabeça. Entendi tudo! O divórcio era um replanejamento da minha trajetória evolutiva.

Nada mais abalava minhas convicções quanto aos ensinamentos espiritualistas. Voltava-me cada vez mais para os estudos. Por ser muito determinada, buscava entender esses fenômenos com mais profundidade.

Pensei:

— Vou buscar novos caminhos. Onde posso me aprofundar?

Eu mesma respondia: “Casa Chefe” (a sede da instituição no Rio de Janeiro – capital), e assim, com ajuda de amigos, determinei que uma vez por mês estaria nas reuniões de desdobramento e nas públicas, por quatro dias consecutivos. Assim, cumpri minha palavra, foram vários os empecilhos, mas como não desistia das minhas lutas, persisti. Aí cresci imensamente. Atenta a tudo, as orientações superiores foram me firmando cada vez mais.

Consolidadas as minhas faculdades mediúnicas, podia vislumbrar o extraordinário trabalho da espiritualidade superior nas correntes, via os espíritos dos mundos opacos nas suas tarefas, e minha mãe sorrindo na assistência quando saía da sala das correntes. A mediunidade auditiva bem aflorada permitia várias situações em telepatia com o grupo de espíritos superiores.

O trabalho do Astral Superior nas correntes fluídicas é tão puro e lindo, que poderia ficar horas sentada observando o seu desenrolar, o som das suas movimentações, muito parecido com os barulhos nas correntes submarinas quando fazia meus mergulhos. Isto para mim é a plena felicidade, ou seja, constatar a teoria na prática.

Quando em estado de profunda concentração, posso admirar suas feições mais nitidamente e ter tido o privilégio de vislumbrar pela primeira vez Jesus nas correntes fluídicas à minha frente, em uma reunião onde eu dei uma orientação superior. Minha alegria sempre foi minha força. Agregada a tudo isso foi a felicidade encontrada neste mundo de escolaridade.

O médium que não tem um apoiador diariamente em sua companhia precisa estar com os pensamentos puros, elevados, como uma arma vibracional de socorro, pois pode, sim, cair em muitas armadilhas em consequência da densidade vibracional que permite a permanência de espíritos infelizes, maldosos, no entorno do planeta Terra que podem desequilibrar profundamente os médiuns.

O controle emocional dos médiuns deve ser prioritário em relação às saídas de casa, que precisam ser devidamente planejadas com antecedência. Por serem muito visados, recomenda-se especial atenção à vida disciplinada. Fácil não é, porém, extremamente compensador para nossa evolução.

Quando estamos nos comportando em desalinho com as recomendações sugeridas na codificação teórica do Espiritismo Racional e Científico Cristão trazidas por Luiz José de Mattos, podemos ter situações complicadas para vivenciar. Vou narrar uma dessas situações, para que entendam a complexidade em ser um instrumento do bem. Precisamos estar sempre atentos.

Tinha uma perícia federal para fazer, que me deixou muito ansiosa, pois dependia dela para meu sustento; estava com uma crise forte na minha coluna cervical, dores insuportáveis. Encaminhada para o médico, perdi a confiança na minha própria força, dúvidas assolavam minha alma. Com isso, abri caminho para a interferência inferior. Prestem atenção como é sério para um instrumento mediúnico, com as faculdades mediúnicas desenvolvidas, passar por certas situações.

Vinha caminhando pelo centro histórico para a chegada ao local da perícia. No meio do caminho encontrei uma grande amiga. Ela me segurou com conversas tolas. Eu, com pressa, me descontrolei um pouco, pois detesto ser impontual, minha pontualidade é firme. Para não ser mal-educada, falei rapidamente e saí. Fiz a perícia e não fui aprovada, nem poderia, porque meu estado psíquico era de incertezas e dúvidas.



Passado um tempo, encontrei de novo essa amiga e disse:
— Nossa, você me desculpe aquele dia, não pude te dar atenção, estava com uma consulta marcada.

Ela prontamente falou:

— Que dia? Que horas?

Eu disse:

— No dia da minha perícia...

Ela retrucou:

— Não me lembro.

Eu, pensativa, verifiquei ter caído em mais uma da espiritualidade inferior!

Ainda com a dúvida na minha cabeça, perguntei:

— Você não estava com um vestido estampado de borboletas coloridas?

Ela:

— Eu não tenho vestido assim e não estive com você. Tem dez anos que não te vejo, mulher.

Eu estarrecida pensei:

— Que vergonha! — Os que me viram, certamente me viram falando sozinha.

Aí está uma verdade comprovada, de que a ansiedade, a dúvida, promovem o descontrole psíquico. Portanto, o médium precisa ter consciência de que tudo deve ser planejado detalhadamente, é fundamental a confiança nos empreendimentos que deverão ser concretizados. Esta confiança precisa ser forte, inabalável. Nem sempre conseguimos, uma vez que somos humanos e estamos presos na matéria densa, altamente limitadora para o espírito.

Bem, tenho mais uma situação para relatar, que considero interessante aos que estão no caminho do esclarecimento espiritual.

Depois que consegui mudar para minha casa, as obras não haviam terminado, mas para mim o importante era estar debaixo do meu teto. Depois de tudo que passei, considerava uma vitória particular o fato de me soerguer com a força que adquiri nas correntes de trabalhos espiritualistas.

Dificuldades tenho até hoje, choro muitas vezes no meu travesseiro, de alegria, mas também de tristeza. Sonhos, tenho muitos, e não desisto enquanto não se tornarem realidade.

Já independente e estudando muito a espiritualidade, fui surpreendida com uma doença uterina grave (adenocarcinoma do endométrio, câncer). Sofri muito com fraqueza física, porém a vida espiritual estava forte.

Abalada emocionalmente, pude viver grandes experiências que me sacudiram a alma. Com a fraqueza física, as interferências da espiritualidade inferior foram maiores; esses espíritos infelizes passaram a falar comigo diretamente. Ia passear com minha cachorrinha e ia me sentindo desfalecer; com os latidos me despertava para reconhecer que eram espíritos desencarnados.

Esses fenômenos aconteciam na Praça Oswaldo Cruz em frente à casa desse grande médico sanitariano e cientista, onde estão as capelas mortuárias. Agradeço a minha cachorrinha "Bisteca" o amparo e o despertar para não desmaiar pela perda energética que esses espíritos faziam, pela sua deficiência de esclarecimentos acerca, entre outras coisas, da desencarnação. Eles só queriam ajuda, porém eu, enfraquecida do corpo físico, não conseguia ajudá-los. Aprendi que teria que ficar um bom período dentro de casa.

Hoje, moro no mesmo ambiente que nasci, existem os conflitos, sim, existem e muitos. Sim, cá, pois confiei em demasia nas pessoas; sim, confiei, porém estava sendo muito mais fácil administrar todos os conflitos que uma herança de grande porte pode causar.

Sinto falta do apoio familiar, sinto, claro, porém sigo no firme propósito de tudo conciliar, mesmo que eles não entendam as verdades e que a lisura dos contratos precisam ser respeitadas e que a memória daqueles que já partiram deste mundo escola tem que ser honrada. Ninguém deve denegrir quem quer que seja. Sei que sou o exemplo aqui. A minha confiança é inabalável, porém a alegria nos fornece uma barreira vibracional intransponível. Junto a isso, disciplinados e esclarecidos, estaremos prontos para os desafios diários. Reclamação, jamais; gratidão, sempre! Muitos não têm a oportunidade de hoje estarem lendo estes esclarecimentos. A vida segue seu curso.

SEGUNDA PARTE: A INTERNET E AS VERTENTES FILOSÓFICAS ESPIRITUALISTAS

1. A INTERNET E AS VERTENTES FILOSÓFICAS ESPIRITUALISTAS

1.1 Um Novo Tempo para a Espiritualidade

Vivemos tempos de críticas constantes de pseudoespecialistas ao uso da internet para fins espirituais, como ferramenta viabilizadora de reuniões de diversos tipos. No entanto, considera-se o pensamento como sendo a base de tudo.

Quais fatos seriam impeditivos para que um grupo de pessoas se reunisse, mesmo em diferentes partes do globo, num mesmo horário, acompanhando um mesmo roteiro, dirigido por um dos membros, utilizando a força dos seus pensamentos para viabilizar um trabalho espiritualista idôneo, uma vez que para o pensamento, como nos afirmamos desde sempre as assertivas teóricas espiritualistas, não existe distância nem obstáculo material que o impeça?

A internet nestes tempos — anos 20 do século XXI — nos proporciona contato imediato, ao vivo, em alta definição de imagem e som onde quer que estejamos, a custo baixíssimo, bastando ter a posse de um simples telefone celular.



athena

Nosso grupo de espiritualistas livre-pensadores elaborou esta forma de trabalho com grande sucesso, em que diferentes pessoas no conforto do seu lar, estabelecido o seu cantinho da espiritualidade, se reúnem diuturnamente, todos os dias da semana, e promovem, além de lives de estudos, reuniões públicas de higiene e esclarecimentos espirituais e, também, reuniões de desdobramentos e desobsessão espirituais, auxiliando um número enorme de espíritos desencarnados, retidos na psicosfera do planeta, e encarnados em desdobramento passando por situações angustiantes na encarnação presente.

Muitas vezes, é necessário empurrar morro acima as novidades ou nadar contra a correnteza. Acreditamos ser fundamental, nos dias de hoje, enxergar com clareza o óbvio.

A internet, por exemplo, já gerencia até nosso dinheiro — um dos bens mais preciosos para a sobrevivência no plano físico. Ela também influencia a saúde, o controle de aviões, trânsito, todo tipo de informações. A internet não é apenas um canal de postagens e mídias sociais, ela vai muito além.

A internet, a partir do seu conteúdo, pode transformar maneiras de pensar, moldar comportamentos, educar aqueles que sabem extrair o melhor, de acordo com seu próprio grau de evolução.

Para os de boa índole, que sabem aproveitar, a internet ensina, transforma, amplia e pode compartilhar muitos conhecimentos, mas também, no campo filosófico-religioso, pode enganar aqueles cuja observação é limitada por crenças rígidas e dogmas de mente fechada.

Ela reduz custos, economiza muito tempo e, com grande inteligência, propaga novos ensinamentos e até formas de viver. Com o advento da inteligência artificial, somos capazes de criar e recriar histórias vivas, e é aí que, em meio a essa jornada de crescimento, surgem a renovação, a inovação e o pioneirismo na atividade espiritual.

A espiritualidade também se manifesta por meio da internet, através das ondas sutis que possibilitam comunicações mediúnicas e trabalhos espirituais a distância. Claro, é necessário preparo e treinamento para lidar com essas ondas e adaptar-se de forma conveniente.

Nosso movimento, intitulado Espiritualismo Racional e Científico Cristão (ERCC), representa essa inovação e pioneirismo. Demonstramos que os trabalhos de resgate espiritual de desencarnados retidos na psicofera do planeta podem ocorrer com a força mental de cada participante e que a limpeza astral é facilitada, pois para o pensamento, repetimos, não existem fronteiras materiais.

TERCEIRA PARTE: A MEDIUNIDADE EXERCIDA NO ERCC

Depois dos eventos aqui relatados, desta minha jornada mediúnica, considero ter chegado ao melhor nível conseguido até então!

Trabalhando inserida nesta inovadora forma de acionar e manter a corrente fluídica, na frequência das ondas da internet, sendo esses trabalhos feitos a partir de profunda utilização mental, com todos nós alcançando a frequência binaural alfa, em sequência, no aprofundamento vibracional das nossas mentes, chegando às ondas beta, nós médiuns tivemos um crescimento fantástico das visões, agora tridimensionais, nos desdobramentos, como se participássemos ao vivo dos eventos.

Um crescimento fantástico das visões tridimensionais dos desdobramentos. Todas as escolas por que passei foram preponderantes para esse pioneirismo implantado com toda a segurança nos trabalhos espirituais no nosso planeta-escola Terra.

Orientada por Maria Thomázia, desde o surgimento da ideia desta forma de trabalhar, fui recebendo claramente as intuições para que fosse feita essa implantação.

Levando a ideia para a instituição à qual pertencia, intitulada Racionalismo Cristão, não tive aceitação. Cada vez mais forte a telepatia para que fosse comunicada essa decisão da espiritualidade superior em fazer esses novos trabalhos na Terra, pela grande necessidade dos trabalhos de desdobramento espiritual, até então deficientes para a demanda de desencarnações no nosso planeta-escola Terra.

Desconhecia como poderia passar esses esclarecimentos adiante, já que a proposta havia sido rejeitada. Passei por momentos de grande ansiedade, sem saber como fazer. Então, em um momento de lucidez, consegui captar a intuição telepática de Maria Thomázia para falar com o atual coordenador do Espiritualismo Racional e Científico Cristão. Assim, sob forte influência da plêiade do Astral Superior consegui me comunicar com Flávio Faria e pudemos dar início aos trabalhos de fundação do ERCC.

Recebia todas as intuições e repassava para o Flávio e ele colocava em prática as deliberações da espiritualidade superior. Mesmo recebendo fortes críticas, pela falta de entendimento do novo, fomos trabalhando fielmente nas intuições telepáticas da espiritualidade.

Com o grupo formado, fomos trabalhando com grande satisfação. Logicamente não foi nada fácil trazer tamanho pioneirismo para a Terra, pois nesse caminhar, aqueles que considerava amigos foram cada vez mais tentando me desmotivar, mas o caminho já estava traçado.

A falta de credibilidade dos que considerava antigos amigos sobre a minha mediunidade me causava muito sofrimento, tanto físico como espiritual. Entretanto, na medida em que cada trabalho era realizado, me sentia fortalecida pelos mestres, nos quais sempre depusitei muita confiança, e dava voz com fidedignidade a todos eles.



Aos poucos, sob forte influência de Luiz Alves Thomaz, por ele fui sendo preparada para, enfim, transmitir umabelíssima comunicação de Luiz José de Mattos. Pude vê-lo em seu esplendor espiritual, nos fortalecendo para esta nova empreitada, dando-me mais confiança ainda para resgatarmos e continuarmos o seu legado.

Minhas visões de clarividência ficavam cada vez mais nítidas e claras nos trabalhos diuturnos pelo grupo realizados. Meus artigos mediúnicos sendo estudados para que os novos médiuns despertassem seus canais ao participarem desses trabalhos, era para mim de grande júbilo espiritual. Flávio Faria, com sua força me apoia, e com lealdade e amizade me fortalecia para poder continuar sem esmorecer.

O ápice da minha entrega mediúnica foi o ressurgimento das visões do grande Jesus de Nazaré, que desfilava na minha visão com uma luz indescritível.

Entendi, através da telepatia, que Jesus traria sua palavra de apoio e fortalecimento para o grupo, situação inimaginável para os céticos. Eu, ainda insegura, em função de tudo que passei na instituição espiritualista a que pertencia anteriormente, não consegui transmitir uma comunicação desse espírito e recuei.

A imagem de Jesus não desaparecia, foram dois meses de paulatina integração e aprimoramento da minha postura mediúnica durante as reuniões. Nessas alturas, em número de doze por semana.

Somente consegui a segurança de passar a comunicação de Jesus pelo apoio incondicional do nosso cofundador Otávio de Sousa, que, sem saber o que se passava comigo, me mandou uma mensagem dizendo:

— Márcia, Jesus vai falar, se prepare!

Era a confiança que faltava para eu enfrentar mais essa barreira de incredulidade das pessoas e ter a coragem para esse feito: transmitir uma mensagem de Jesus de Nazaré!

Indescritível em palavras a sensação, uma emoção fortíssima, maravilhosa, jamais experimentada por mim! Considero o ápice do meu trabalho enquanto instrumento mediúnico.

O Espiritualismo Racional e Científico Cristão nos oferece uma metodologia séria e inovadora para compreender a mediunidade como ferramenta de transformação pessoal e coletiva. A mediunidade é um campo vasto e ainda pouco explorado em sua totalidade. Com respeito, lógica e estudo contínuo e constante, podemos trilhar esse caminho com sabedoria.

Nosso grupo (ERCC) segue firme nos seus propósitos de promover o resgate de irmãos desencarnados em desequilíbrio temporário, retidos na psicosfera da Terra e, também, esclarecer os interessados, através do material didático fornecido graciosamente em sua biblioteca virtual e lives de estudos diárias.

Os nossos membros estão comprometidos com as verdades trazidas por Luiz José de Mattos, editadas nos nossos sete primeiros livros que compõem a fundamentação teórica básica.

As formas de trabalho por nós utilizadas são inovadoras, possibilitando um conhecimento espiritual suficiente, alcançando e iluminando a vida daqueles que se dispõem a emprestar seu benquerer ao próximo, se interessam por aprimorar seus conhecimentos transcendentais, sendo exemplos vivos de boa conduta, enfim, tornarem-se livres-pensadores espiritualistas do bem.

FIM

Familia



Minha história é feita de lutas silenciosas, de quedas que me ensinaram a levantar mais forte e de dias difíceis que não conseguiram apagar minha fé. A superação, pra mim, não foi uma escolha — foi a única saída. E em cada passo, minha família foi o alicerce. Eles estiveram lá nos momentos em que o mundo parecia ruir, oferecendo amor, força e esperança. Tudo o que conquistei tem as marcas dessa jornada: coragem, resiliência e gratidão. Porque quando se tem uma base sólida, até as tempestades viram parte da construção.



PARA PARTICIPAR DAS NOSSAS REUNIÕES BASTA
ENTRAR EM CONTATO PELO WHATSAPP
COORDENADOR FLAVIO FARIA + 55 (13) 99789 3185

NOSSO SITE
www.ercristao.top

BAIXE E DISTRIBUA TODO NOSSO MATERIAL TEÓRICO.

